

# AS MÃOS DE MNEMOSINE: UM ESTUDO DO TEMPO E DA MEMÓRIA NO PROJETO POÉTICO DE SHIRLEY PAES LEME

JOSÉ CIRILLO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**e**sta pesquisa, projeto de doutoramento junto à PUC/SP, configura-se partindo de algumas idéias preliminares: a primeira delas busca uma percepção do papel do vivido no processo de criação; a segunda tenta compreender o papel do tempo na determinação do vivido e da sua grafia na memória; a terceira, desvelar o papel presentificador da memória em relação às decisões do ser em ato; e finalmente, a percepção do processo de criação como um fenômeno da comunicação.

As questões, reflexões, confrontos e hipóteses decorrentes desta preocupação com o vivido e sua presença no processo de criação, corroboram para a construção deste estudo que pretende verificar como *experiências sinestésicas, vivenciadas e grafadas neste campo impreciso da memória do corpo, podem*

*ser reoperadas na e pela memória e então presentificadas nas ações deste corpo/autor durante o processo de produção de um texto visual.* E ainda, como podem estas reoperações do vivido serem evidenciadas nos vestígios do processo de criação ao longo do projeto existencial (projeto poético) do sujeito criador.

Para o desenvolvimento do problema proposto, a partir da construção de um discurso memorialístico nas artes visuais, é mister que as questões da manifestação da temporalidade (expressa no vivido e no seu “registro”) e da construção de um discurso memorialístico no processo de criação sejam evidenciadas para que se perceba como experiências vivenciadas pelo corpo do artista/autor são reoperadas pela memória e presentificadas no processo de criação, ao longo do projeto poético do artista, posto que a idéia de vivido trás em si uma noção de tempo em ato; tempo este que vai sendo grafado na memória e é recurso fundamental durante o processo de criação.

As coisas e o mundo das coisas, no mundo e para o mundo, sem hierarquia entre o passado e o presente, coabitam o espaço no panteão da memória estando numa eterna fuga do esquecimento... a eterna busca do tempo... espera... ou futuro(?). *O tempo é visível em todos os lugares. (...) ... avança com exuberante regularidade, com exatamente a mesma velocidade em todos os cantos do espaço. O tempo é um soberano infinito. O tempo é absoluto.*<sup>1</sup>

Interligando o tempo e o homem, no espaço-tempo da existência, está a memória. Nela busca-se uma eternidade presencial. Fugaz areia que esvai com a vida da matéria para a eterna existência do espírito. O devir eterno que desempenha seu papel no consciente humano... memória... capacidade

---

1. ALAN LIGHTMAN em *Sonhos de Einstein*, pp.33-34.

viva de reter, conter e compartilhar passagens... experiências vividas que determinam ações no devir da matéria. Memória como presença vivencial. Tempo e espaço vividos... presente(s), topologicamente construídos. Esta geografia humana é espaço e tempo existenciais.

A noção de tempo com a qual se trabalha aqui está centrada nos debates de Santo Agostinho,<sup>2</sup> para quem o tempo existe não sobre a forma de três tempos: passado, presente e futuro; mas sim em *três modalidades de presente*, o do passado – que é a memória, o do presente – que é o olhar, a visão, e o do futuro – que é a espera. Ainda para ele, estes três presentes estão no espírito. É a visão do tempo multidimensional.

Para se perceber a memória no estabelecimento das relações com o vivido no processo de criação, é preciso que se admita, hipoteticamente, por ora, que nela tem-se mais que o mero armazenamento das experiências do corpo. Ela reopera o vivido, redimensionando-o para que a matriz das coisas permaneça... mas pode ela criar novas matrizes? Pode a existência de um fenômeno sinestésico decorrente só desta reoperação? Sim, entendendo-se a memória como um campo existencial vivo, em ato, um espaço da grafia do vivido. Deste modo, ela não se dará como um arquivo, não é um conjunto de gavetas bergsonianas no móvel das categorias.

Na memória, o espaço, o tempo e a matéria não dispõem de uma lógica existencial cronológica ou hierarquicamente constituída. É a partir dela que se tenta orientar a expectativa de existência futura. Muito embora se possa até mesmo argüir se não é o futuro que determina a vida presente, posto que ele, o futuro, é um presente em potência,<sup>3</sup> e como tal, segue seu percurso conduzindo a experiência em construção.

---

2. Santo Agostinho, *Confissões*. Petrópolis : Vozes, 1992. Livro XI.

3. Idem.

É neste espaço e tempo da memória, neste tempo agostiniano, que os corpos dos textos visuais se fazem presentes, materializados como visões. Visões que seduzem pela própria impossibilidade de serem encerradas em uma explicação cartesiana satisfatória. A memória de que se fala aqui é, pois, como um campo sem fronteiras onde estão grafadas experiências sensorialmente vivenciadas. Grafado, posto que é um modo de escritura, um certo modo de escrever, que se difere de um gravar, pois ao anotar o vivido não sulca ou fere a materialidade do seu suporte... Não consome o corpo no qual se inscreve... A ação é de sobrepor-se como quem carece de um ombro reconfortante e não a corrosiva ação dos ácidos do gravar que comem os pontos frágeis dos fenômenos materiais em que imergem. *É admitida aqui a hipótese de memória como grafia do vivido.*

Assim, estas grafias que se põem permanecem no limite do natural e do cultural, são quase como vestígios de uma civilidade interativa, pois parecem poder ganhar novos contornos à medida que existem no espaço-tempo não cronológico, nem hierárquico dos campos da memória. Admitida a hipótese deste campo interativo, a ação do corpo criador, sujeito da criação, é uma ação coletora, posto que não se plantou o que se coleta.

Temos aí uma hipótese fenomenológica: a ação deste corpo em interação com a memória é uma ação coletora no sentido primeiro da busca de uma interação com o mundo, não no sentido de domínio empírico da natureza, mas na coabitação com o solo móvel que o sustenta.

Toma-se aqui uma reflexão: pode o corpo reter inerte em si toda a lembrança da ação que o toma, ou seja, é possível existência na memória de um vivido por inteiro imóvel e paralisado como um arquivo esquecido no tempo? Não. Ítalo Calvino, em *Cidades Invisíveis*, nos fala de Zora, uma cidade fadada a permanecer exatamente como é para que as pessoas

possam lembrar-se dela, das suas ruas e cores, de cada itinerário e contrastes... Mas, *foi inútil minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo.*<sup>4</sup> Assim vista, a memória só se constitui em ato. Em constante movimento interativo com o vivido reoperando-o repetidamente. No processo de criação do texto visual esta ação poderá ser observada a partir do estudo dos procedimentos de produção da obra.

Supondo-se que no processo de criação ela seja a matéria edificante na qual o espaço e o tempo edificam o projeto poético da existência, a memória é o tempo-espaço-matéria do processo criador, evidenciado na jornada da própria existência. Assim, estudar o processo de criação é rastrear os passos desta caminhada existencial. Mas, como fósseis possuidores de um código genético ancestral, este caminho apresenta-se apenas como marcas, vestígios de um projeto existencial que norteia a criação. Arqueológica tarefa neste arquivo imperfeito.<sup>5</sup> Um arquivo não em gavetas, mas em anotações, rasuras, diários que se expressam como documentos de criação.

Salles (2000:31-39) amplia a idéia de rasura no ato criador, dando-lhe novos contornos à luz dos pressupostos da Crítica Genética; desenvolve uma noção mais ampla e adequada à diversidade que os estudos geneticistas ganham no Brasil, para os quais a noção de manuscrito (literário) não mais se aplica de modo apropriado à dimensão dos trabalhos investigativos que se estendem para áreas além da literatura. Assim, ela introduz o termo '*documentos de processo*', definindo-os como sendo "registros materiais do processo criador", retratos

4. CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia. da Letras, 2002. págs19-20.

5. Colombo – I arquivos imperfeitos.

temporais da gênese da obra, diários verbais e visuais do ato criador que passam a ser o termo identificador das diferentes anotações ao longo do processo de criação, seja na literatura, nas artes ou mesmo nas ciências.

O estudo destes documentos de processo, objeto da investigação da Crítica Genética, busca colocar luz sobre os aspectos desconhecidos da obra que é apresentada ao público. Deste modo, tenta-se entender como uma obra visual é criada através de um acompanhamento teórico-crítico do processo de criação, criando condições para que se possa evidenciar partes do projeto poético dos artistas estudados, bem como o estabelecimento de recursos metodológicos e teóricos que permitem falar numa Teoria Geral do Processo de Criação.

#### DO CORPUS E RECORTE METODOLÓGICO

As marcas deste processo de reoperação do vivido na construção de um discurso memorialístico no texto visual serão verificadas a partir de um estudo de caso. Assim, com base nos conceitos de documentos de processo, de projeto poético e da característica de singularidade imanente do projeto criador, bem como da possibilidade presente de partir do particular para o geral, toma-se um caso em particular que foi escolhido por parecer ser um caso típico, o qual pertence a um *conjunto mais amplo do qual se torna representante* (podendo) ... *ajudar a melhor compreender uma situação ou fenômeno complexo*. Salles (2001a:64) pontua que a Crítica Genética vem trabalhando no binômio singularidade-generalidade, posto que *é estabelecido um diálogo de mão dupla entre os estudos de artistas específicos e uma teorização sobre o ato criador de natureza mais geral*.<sup>6</sup>

---

6. SALLES, C. Imagens em Construção. In: *Revista Farol*, ano 2, n.3, 2001.

Esta modificação na amplitude da ação dos resultados do trabalho do geneticista é apontada como decorrente de uma necessidade científica. Salles (2001a: 64) esclarece que “alguns pesquisadores vêm avançando em direção a uma generalização sobre o processo de criação, levando a princípios que norteiam uma possível morfologia da criação. É o estudo das singularidades buscando generalizações”.

Assim sendo, será feita a análise dos documentos processuais que envolvem o projeto poético da artista plástica Shirley Paes Leme nos últimos anos; particularmente serão estudadas obras pertencentes a períodos pontuais na produção da artista, obras estas que são representativas de fases demarcadoras de seu percurso artístico:

- a) De 1980 a 1992, período que define sua formação enquanto professora e artista;
- b) De 1992 a 2000, quando se consolida no cenário das artes plásticas contemporâneas no Brasil e no mundo;
- c) A partir de 2000, quando muda a mídia com a qual trabalhava, evidenciando definitivamente a construção de um projeto poético centrado num discurso autobiográfico e memorialístico, muito mais que a uma mídia particularmente.

O estudo destas fases e da consolidação de um projeto poético que evidencia as reapropriações do vivido se dará a partir da análise dos seguintes textos: a) os cadernos da artista; b) suas anotações e poemas sobre sua obra; c) as obras em si, tendo em vista uma análise do projeto poético da artista; d) depoimentos e entrevistas formais e informais; e) textos de outros autores sobre a obra de Paes Leme. Reitera-se que este estudo será realizado à luz dos procedimentos teóricos e metodológicos da Crítica Genética, inseridos no contexto dos estudos que buscam constituir uma teoria geral do processo de criação.

Outros fatores determinantes do recorte são os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos característicos do estudo dos documentos processuais, posto que para a elaboração do texto a ser investigado, faz-se necessário que o artista tenha material relevante no qual possam ser investigadas as marcas, os vestígios de seu processo de criação. Com base neste pressuposto teórico-metodológico, a escolha de Paes Leme se deve ao fato da artista ter a prática de registrar em cadernos todos os seus projetos, fazendo um diário imagético (visual) e verbal das decisões tomadas ao longo de seu processo de criação, além de possuir um arquivo sistemático das etapas e das diferentes obras que constituem seu projeto artístico ao longo das últimas décadas.